



# Percursos Diplomáticos, Sociais e Literários: as Contribuições Intelectuais de Guimarães Rosa

1. É politólogo pela PUC-GO. Atualmente, é docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Federal de Goiás. Pesquisa os temas relações internacionais, ética, direitos humanos, movimentos sociais e indústria 4.0.  
E-mail: murilochv@yahoo.com.br

Murilo Vilarinho<sup>1</sup>

DOI: 10.5752/P.2317-773X.2022v10.n2.p136

Recebido em: 24 de outubro de 2021

Aprovado em: 02 de maio de 2022

A obra *Guimarães Rosa: diplomata* foi publicada, primeiramente, em 1987, quando do vigésimo aniversário de morte de Guimarães Rosa (1908-1967), momento em que foi homenageado pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) e pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), já que havia sido um singular diplomata brasileiro. O livro, em sua terceira edição revisada, foi idealizado e escrito pela embaixadora Heloísa Vilhena de Araújo, diplomata brasileira, quem estudou, em profundidade, o pensamento literário e diplomático de Guimarães Rosa, fruto de tese doutoral sobre o assunto no *King's College* de Londres, bem como de pesquisa e análise de documentos sobre o diplomata, nos arquivos do Itamaraty.

Em *Guimarães Rosa: diplomata*, a embaixadora Heloísa Vilhena de Araújo, especialista em Guimarães Rosa, apresenta ao leitor um livro que não se concentra apenas na trama literária e poética do romancista de *Grande Sertão: Veredas*, mas também no seu fazer diplomático, quase platônico, quando esteve à frente da Casa Barão do Rio Branco, a serviço da República Federativa do Brasil. Sobre o significado da expressão “platônico”, Araújo (2020, p.12) comenta:

Assim, não excluindo interpretações possíveis de outros pontos de vista, a interpretação “platônica”, em sentido lato, da vida e da obra de Guimarães Rosa permitiu, em vista do material pesquisado, esclarecer maior número de áreas de sua personalidade, fornecendo, ao mesmo tempo, um arcabouço que sustenta e integra a atividade multifacetada do autor, em vários níveis de sua existência.

No que se refere à carreira diplomática, nota-se que é assunto que ganha destaque nessa obra, já que, segundo a autora, é aspecto pouco estudado no trato ao conhecimento de Guimarães Rosa. Nesta terceira edição, a embaixadora, além de ater-se ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, também inseriu um caderno de fotografias do diplomata e escritor, algo não presente nas edições anteriores.

No que concerne ao livro, ele foi lançado na Coleção História Diplomática da FUNAG, contando com oito partes (capítulos), distribuídos em 268 páginas, nas quais se é contada a trajetória do literato em termos de atividade diplomática e, também, literário-intelectual. Ele é redigido em terceira pessoa do singular, cujo foco recai sobre a figura de Guimarães

Rosa. Em termos de estrutura, o livro é dividido em *Agradecimentos*, em que se tece uma breve apresentação que remonta ao ano de 1987, quando foi publicado, pela primeira vez, em Brasília. Nesse sentido, a autora embaixadora Heloísa Vilhena de Araújo conservou, portanto, a seção original. Nela, dentre as várias considerações, destaca-se o agradecimento feito ao embaixador Marcos Azambuja, quem, naquela época, presidiu a FUNAG, e solicitou à embaixadora um trabalho sobre o escritor, para fazer parte do projeto de recuperação da memória do MRE.

As demais partes que conformam o livro são distribuídas da seguinte forma: Parte I *Introdução*, Parte II *Filologia e hermenêutica*, Parte III *Eternidade e história*, Parte IV *Justiça e direito*, Parte V *Formação e técnica*, Parte VI *Construção e crítica*, Parte VII *O diplomata e o homem*, Parte VIII *Conclusão: nacional e internacional, Bibliografia e Anexos*. No que se referem aos anexos, podem ser descritos os seguintes títulos, que são verdadeiros documentos sobre a atuação diplomática de Guimarães Rosa: *Memorandum para o embaixador do Brasil em Berlim*, *Relatório da visita ao Centre d'essai d'alesmes*, *Nota nº 92, de 25 de março de 1966 da Embaixada do Brasil em Assunção*, *Relatório político da Embaixada em Paris*, *Memorandum sobre correção linguística*, *Notas para o programa do concurso de provas do IRBr*, *Memorandum da Divisão do Orçamento e da Secretaria do IRBr*, *Troca de correspondência com Jorge Kirchofer Cabral*. Por fim, há um *Caderno de fotos* inserido pela embaixadora, ao final, desta nova edição.

Na Parte I *Introdução*, são feitas breves considerações sobre Guimarães Rosa, considerando-se o aniversário de sua morte, àquela época, ano de 1987. Tais notas falam sobre sua literatura que, apesar de bastante estudada, ainda há muito a ser explorada. Além disso, a redação e atuação diplomática de Guimarães Rosa são indicadas como perspectivas que precisam ser mais exploradas pela intelectualidade, pois carecem de investigação e de reflexões responsáveis. Nessa primeira parte, a autora descreve como foi a abordagem dos documentos, para produzir o livro, que foi encomendado pelo embaixador Marcos Azambuja. Ela sublinha que, ao fazer a leitura sobre o material documental, percebeu, em Guimarães Rosa, o homem justo em atitudes, conforme consta do pensamento platônico na *República*. Desse modo, são palavras de Araújo (2020, p.11):

Passados vinte anos da morte de João Guimarães Rosa, a literatura crítica relativa à sua obra literária é considerável. Nada foi feito, entretanto, sobre outro aspecto de sua atividade – a carreira de diplomata. A linguagem e a criação literária de Guimarães Rosa estão amplamente estudadas, conquanto ainda não se tenha esgotado o manancial que sua obra representa para a crítica. Longe disso. A redação e a atuação diplomática de Guimarães Rosa, entretanto, esperam sua vez.

Na Parte II *Filologia e hermenêutica*, a embaixadora inicia o capítulo falando sobre uma entrevista que Guimarães Rosa concedeu a Günter Lorenz, em Gênova, em janeiro de 1965. Nela, o escritor falou de sua postura íntegra, ética (platônica) e renovadora que regia sua vida. Essa caracterização regia sua vida de médico e, também, de poeta. Para ele, a língua era capaz de renovar o mundo. Sua obra, portanto, e sua vida eram aspectos que se intercambiavam. Conclui-se que a vida de Guimarães Rosa é a linguagem, que também está presente no seu fazer diplomático-ético.

A autora, então, assevera “O escritor, portanto – de minutas diplomáticas ou de literatura –, é aquilo que escreve” (ARAÚJO, 2020, p. 34).

Em se tratando da Parte III *Eternidade e história*, Heloisa Vilhena de Araújo comenta sobre o distanciamento de Guimarães Rosa enquanto diplomata do político. Para ela, a diplomacia contempla a essência política. Sendo assim, Guimarães Rosa, em sua atuação em Hamburgo, descreve o domínio avassalador do político na Alemanha nazista. A tirania da política, em suma, para ele, é injustiça. No consulado, em Hamburgo, atuou em favor dos judeus. Sua atuação era diplomática, não política, pois política era a abordagem do nazismo. O escritor separava diplomacia da política, pautando-se pelo viés de que a política serve a interesses particulares, não comutativos. Esse entendimento pode ser confirmado no excerto que se segue:

Ao perseguirmos a especificidade da atuação de João Guimarães Rosa como diplomata, deparamos, de imediato, este desligamento, que ele expressivamente opera, entre o diplomata e o político. Desligamento problemático, porquanto a carreira de diplomata é, em essência, uma atividade política. Como e por que Guimarães Rosa opera essa separação? Como consegue fazê-lo, tendo estado em situações – cônsul em Hamburgo de 1938 a 1942 – em que a totalidade da vida, em seus aspectos privados e públicos, estava dominada pelo político? O próprio Guimarães Rosa descreve esse domínio avassalador do político na Alemanha nazista, em seu conto “O mau humor de Wotan”. Nesse conto, fica claro o totalitarismo, a tirania da política na vida da Alemanha, penetrando os rincões mais escondidos da vida da população. É a esse totalitarismo que ele se refere quando diz a Lorenz, que lhe perguntara sobre sua atividade em Hamburgo em favor dos judeus perseguidos pelo nazismo, “eu, o homem do sertão, não posso presenciar injustiças”. A tirania do político é, para ele, injustiça. (ARAÚJO, 2020, p.36).

Na Parte IV *Justiça e direito*, a escritora trata-se do Guimarães Rosa justo, para quem as vontades das partes devem prevalecer e conformam o todo harmônico. Assim devem ser as relações de direito, ou seja, destituídas do uso da força ou da imposição uníssona da vontade sobre as demais. Neste capítulo, fica exposto a forma por meio da qual o romancista compreendia a atuação diplomática, isto é, essa deveria, sempre, primar pela boa convivência internacional, pelas obrigações convencionais, pelo respeito aos tratados. Nota nº 92, de 25 de março de 1966, da Embaixada do Brasil em Assunção, parágrafo 104, fica clara essa postura de Guimarães Rosa, porque ele defende que, no que se refere aos acordos de limites com o Paraguai o mútuo acordo entre as partes- Brasil e Paraguai- deve ser endossado, precipuamente, pois a orientação básica na diplomacia deve seguir “[...] em direção à harmonia e ao diálogo nas relações internacionais não significa, entretanto, complacência e passividade, e não exclui, ao contrário, exige, atividade e firmeza nas negociações.” (ARAÚJO, 2020, p.54).

No tocante à Parte V *Formação e técnica*, ocupa-se de um momento da carreira de Guimarães Rosa, quando foi convidado a participar da confecção das avaliações para o Concurso de Provas do Instituto Rio Branco, em 1952. Naquela ocasião, o diplomata apresentou ao Diretor do Instituto a ideia de que o exame, como tinha de ter a finalidade de avaliar os conhecimentos de base na “formação da personalidade do candidato” (ARAÚJO, 2020, p.56), o que revelaria a curiosidade intelectual e a vocação cultural e consciência humanística do indivíduo. em suma, em Guimarães Rosa, segundo a embaixadora Araújo (2020, p.57):

[...] a realidade propriamente humana – histórica, que é, como vimos, [...] o campo da atividade diplomática – é a realidade pensada, os fatos concretos articulados pelo pensamento numa totalidade significativa. O diplomata – o “sonhador” – busca, nessas condições “criar” a realidade, fazer a história, por meio do pensar os fatos. Por isso é que Guimarães Rosa se preocupa, na formação do diplomata, com o desenvolvimento dessa capacidade de pensar, o que não é a mesma coisa que o simples raciocínio técnico, limitado a um campo do conhecimento. Pensar, para ele, inclui a imaginação, o que não é a mesma coisa que a simples fantasia, fabulação relativamente independente dos fatos concretos. Pensar é a utilização da imaginação na articulação desses fatos, da imaginação que leva em consideração o concreto, que depende dele e que lhe dá sentido. É construir.

Sobre a Parte VI *Construção e crítica*, a embaixadora Heloísa Vilhena Araújo referencia a postura restauradora, construtora, isenta de agressividade de Guimarães Rosa. O diplomata mostra-se avesso a qualquer tipo de ação cega e violenta. Essa natureza do romancista de *Grande Sertão: Veredas* fica nítida nas ideias expressas por Araújo (2020, p.59-60):

O fato de a postura básica de Guimarães Rosa, até aqui assinalada, ser aquela do restaurador, do construtor, torna necessário fugir do perigo de idealizar sua atuação, isentando-a de qualquer agressividade. Ao restaurar, Guimarães Rosa destrói: uma coisa não pode ser feita sem a outra. Como foi possível verificar no que se refere ao seu conceito de justiça, a restauração, para Guimarães Rosa, exige mesmo uma destruição: não uma destruição cega e violenta, mas uma refutação ponderada e raciocinada, expressa com firmeza: “Vossa Excelência, que tem perfeita ciência da gravidade do assunto, conhece, não menos...” Na verdade, é a ação cega e violenta que é refutada – destruída, desarmada – pelo exercício do pensamento. O pensar desliga a ação do imediatismo, torna-a objetiva, desvincula-a do emocionalismo subjetivo e do fanatismo. Com isso, não se quer dizer que a desligue do sentimento, mas sim do instinto cego, por um lado, e da idealização, por outro. A ação de Guimarães Rosa é uma constante desconstrução tanto do intempestivo e do violento, quanto da tentação de hipostasiar ideias, da abstração. Assim, não tenta forçar a realidade num leito de Procusto, em nome de um ideal abstrato de perfeição, inatingível, mas faz espaço para a admissão de imperfeições e falhas, que procura remediar com justiça.

Na Parte VII *O diplomata e o homem*, visualiza-se o Guimarães Rosa simples e genuíno em suas relações humanas e em seu ser. Heloísa Vilhena Araújo, ao enfatizar esse lado do escritor, buscou uma ilustração interessante do momento em que ele tomou posse como chefe da Divisão de Fronteiras, em 1956. Naquela época, a sua declaração de bens e valores resumia-se a Cr\$ 900.000,00. A diplomata brasileira emprega parte de uma entrevista de Guimarães Rosa a Günter Lorenz, por meio da qual o mineiro de Cordisburgo enuncia:

[...] não me envergonho em admitir que Grande sertão me rendeu um montão de dinheiro. Não me interessa o dinheiro: venho de um mundo onde ele não adianta muito; lá se necessita de pão, armas, cavalos, e ainda se pratica o comércio de troca. Naturalmente, não fico infeliz, quando tenho dinheiro suficiente para viver como quero. Mas não nego esse fato. A esse respeito, quero dizer uma coisa: enquanto eu escrevia Grande sertão, minha mulher sofreu muito porque nessa época eu estava casado com o livro. Por isso dediquei-o a ela, para lhe agradecer sua compreensão e paciência. Você sabe que tenho uma mulher maravilhosa. Como sou um fanático da sinceridade linguística, isto significou para mim que lhe dei o livro de presente, e portanto todo o dinheiro ganho com esse romance pertence a ela, somente a ela, e pode fazer o que quiser com ele [...]. (COUTINHO apud ARAÚJO, 2020, p. 66).

A Parte VIII *Conclusão: nacional e internacional* encerra a obra em questão. Nessa seção, apresenta-se, em tom de fechamento, que a diplomacia, assim como as letras, foi um dos aspectos da existência e Guima-

rães Rosa. Sua personalidade justa e platônica performou seu fazer diplomático, da mesma forma que o fazer literário. A diplomacia, enfim, “[...] segundo suas próprias palavras, contribuiu para torná-lo, sem sombra de dúvida, um cosmopolita”, conforme consta do entendimento da embaixadora Heloísa Vilhena de Araújo (2020, p.70). Sua passagem pelo mundo inspirou sua brasilidade (em constante construção, algo em aberto) e sua brasilidade inspirou sua atuação internacional, para além de sua essência regional – um mineiro do sertão.

Para requintar esse argumento, Araújo (2020,p.71) enuncia que:

A “brasilidade” de Guimarães Rosa, como se verifica pelas citações acima, é, ao mesmo tempo, rigorosamente determinada, específica – o sertanejo de Minas Gerais –, e não paroquial, escapando ao provincialismo, pois Goethe também foi um sertanejo. Com efeito, a “brasilidade” de Guimarães Rosa é feita predominantemente de Europa – e é encontrada, não no aspecto puramente regionalista, no sentido estreito, de sua vida e obra, mas sim numa maneira de comportar-se no mundo, num estado de espírito, em que a mente e o coração estão intimamente unidos, integrados, harmonizados.

Em face da leitura e análise do livro *Guimarães Rosa: diplomata*, percebe-se a significância em se lançar em uma terceira edição o escrito que é de interesse não apenas de intelectuais em seus estudos de aprofundamento dos temas literatura, diplomacia, Guimarães Rosa; mas acima de tudo de indivíduos que almejem entrever os demiurgos (o literato de Cordisburgo certamente faz parte desse panteão) de uma *intelligentsia* que conformaram a imagem do Brasil. Nesse sentido, nota-se que a obra discute vários aspectos que circunscreveram a vida e a produção de Guimarães Rosa, de forma mais adensada e voltada para eixos pouco discutidos, por exemplo, a ação e postura diplomática do romancista.

Por fim, no livro, é perceptível que o lado justo e nobre do escritor, algo angariado pela construção do eu, ao longo de sua vida, impregnou, positivamente, seu fazer literário e diplomático- o que conferiu a ele um modo especial de condução dos assuntos internacionais, quando pertencente ao quadro do MRE. Guimarães Rosa foi um diplomata no ápice da palavra, pois exerceu com cautela, serenidade, inteligência, cosmopolitismo, justiça, profissionalismo a salvaguarda dos interesses nacionais no estrangeiro. A obra é um convite ao leitor interessado a mergulhar no universo, por detrás das entrelinhas, que respaldou as veredas da vida do idealizador de *Grande Sertão*.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. *Guimarães Rosa: diplomata*. 3. ed. rev. - Brasília: FUNAG, 2020. 268 p. - (Coleção História Diplomática) ISBN 978-85-7631-837-8